

Panorama Político

Tereza Cruvinel

■ DE BRASÍLIA



Com a crise no colo

Os líderes governistas estão desnorteados e divididos. Numa crise como essa, sentem na pele a falta de um operador político do Governo, que dê a linha e coordene a ação para superar o quadro de desconfiança crescente criado a partir do episódio Sivam-grampo. Estão se virando como podem, mas às vezes até batem cabeças. Um deles avaliava ontem que, embora a fervura tenha baixado com a demissão de Francisco Graziano da presidência do Incra, a situação, na prática, está mais complicada. Agora existe um caldo de cultura muito rico e fantasioso, que mistura o caso do grampo, as suspeitas em torno do Sivam, a fantástica garantia do Governo de que as fitas foram desmagnetizadas e a possibilidade de que conversas do presidente estejam sob o controle de alguém. O Governo criou a crise sozinho, não conseguiu resolvê-la em casa e agora terá maiores dificuldades para encerrá-la no Congresso, onde também se cruzam interesses partidários e disputas entre as duas casas. O PMDB receia um jogo em que o perdedor seria apenas o senador Gilberto Miranda,

não porque morra de amores por ele, mas porque seria o único partido atingido. Por isso, os peemedebistas falam de novo em CPI. A Câmara não aceita ficar de fora das investigações, entregues à megacomissão do Senado, e pede uma comissão especial mista.

Tontos, os líderes governistas estão divididos até quanto à convocação extraordinária do Congresso, que há poucos dias o Governo considerava essencial para garantir o ritmo das reformas. Alguns líderes, como o senador Elcio Álvares, continuam defendendo a convocação para logo depois do dia 15 de dezembro, quando termina o semestre legislativo. Assim ninguém diria que o Governo desistiu do cronograma por medo da crise. Outros acham que, com o clima que se instalou no Congresso, melhor é dar um descanso aos parlamentares no Natal e no Ano Novo e fazer a convocação a partir do dia 10 de janeiro. Na volta, o caldo de crise já teria se evaporado. Assim pensam o senador José Roberto Arruda, vice-líder do Governo, e a maioria dos líderes na Câmara.